

No país africano, as pessoas param o que estiverem fazendo para assistir às lutas de lamb que passam na TV e que produzem campeões ricos e famosos



NO SENEGAL, A PORRADA COME SOLTA!

CONHEÇA O LAMB,
ESPORTE DE COMBATE
QUE SACODE O PAÍS
AFRICANO E QUE TEM UM
SIMILAR AQUI NO BRASIL

TEXTO E FOTOS / **Felipe Abreu,**
do Senegal

Depois de horas de viagem, com o implacável sol africano torrando carcaças, e a poeira tingindo rostos de laranja, a ideia de uma ducha, comida e uma noite de sono naquela pensão em Oussouye, cidadezinha no sul do Senegal, parecia irresistível. Um corre-corre do lado de fora do quarto e vozes conversando em wolof, a língua predominante no país africano, no entanto, mudaram os planos. Era uma briga? Um roubo? Mamadou Diop, único africano do grupo que falava português, explicou: “Corre! Tá passando a luta de lamb na TV!”.

Os africanos saíram em disparada. Os gritos da vizinhança aumentavam a expectativa. O bar era pequeno e lá se amontoavam cerca de 15 homens, mulheres e crianças. Mas o clima era de Brasil na final da Copa do Mundo. Cada vez que um dos lutadores acertava uma porrada no outro, os torcedores socavam o ar. A sinfonia de gritos não se limitava a esse pequeno espaço. Os vizinhos berravam a cada single leg – queda provocada dominando-se uma das pernas do adversário, que aqui se chama simpí – aplicado pelo seu lutador favorito. No meio do ringue de areia, Modou Lô, 110 quilos, e Eumeu Séne, 120 quilos, usando tangas, patuás (chamados de gris-gris) espalhados pelo corpo, gigantes a ponto de dar medo em peso-pesado de MMA, digladiam-se de uma maneira totalmente tribal.



LUTANDO COM ALA NO CORPO

Com a chegada dos árabes às regiões do norte da África no século 7, houve um sincretismo religioso entre o islamismo deles e as crenças africanas que já existiam lá. O fenômeno gerou uma série de manifestações típicas. No Senegal, a máxima está na figura do marabu e dos gris-gris. Os marabus ocupam o degrau mais alto entre os líderes religiosos do país. Só eles – que detêm total domínio do *Alcorão* – podem fazer os gris-gris. E tem patuá para todas as necessidades: ficar mais bonito, ter proteção contra a inveja, cantar melhor, falar bem em público, ter sorte no trabalho, virilidade... Os gris-gris são um trecho do *Alcorão* copiado em uma folha de papel, coberto com couro de cabra e costurado. Quando um é encomendado ao marabu, ele busca no texto sagrado um trecho que transmita os poderes que a pessoa deseja e o “marabuta” (enfeitiça).

No lamb, a preparação espiritual é tão importante quanto a física. Se um lutador começa a perder muito, ele troca sua equipe de marabus, acreditando que eles não estão escolhendo com sabedoria os melhores gris-gris e banhos. Cada marabu guarda a sete chaves os segredos dos seus patuás. Mas todos servem, basicamente, para dar força e proteção ao lutador: equilíbrio para não cair, força nos braços e nas pernas, potência nos golpes, rapidez para esquivar etc. Durante o combate, é permitido que os lutadores arranquem os gris-gris do oponente. Eles acreditam que, assim, tiram as forças do adversário.

No estádio, a torcida vai ao delírio a cada golpe. Nesse dia, um senhor mais exaltado sofreu um ataque cardíaco no meio da luta e morreu. Nem teve tempo de ver a vitória de Modou Lô, que derrubou Eumeu Séne na prorrogação, levando a galera – e meus amigos, todos fãs dele – à loucura. Torcedores desmaiaram de emoção e tiveram de ser retirados de maca da arquibancada.

As lutas acontecem todo domingo em Dacar, onde uma multidão de até 40 mil pessoas lota o estádio Demba Diop para assistir a um espetáculo que pode durar cinco horas. Mas a festa começa muito antes. Na porta da casa dos lutadores, uma multidão espera suas saídas em direção à arena. Antes de entrar nos carros, eles tomam os primeiros banhos místicos (a religião do país é uma mistura de islamismo e crenças tradicionais), fazem orações e seguem em carrões, acompanhados por motos que buzina e fazem malabarismos, parando a cidade. Nas ruas de terra ao redor do estádio, mulheres cozinham panelões de arroz com molho de amendoim e dividem espaço com milhares de torcedores e barraquinhas que vendem camisas e quadros estampando a cara dos lutadores. A televisão transmite tudo ao vivo.

A entrada dos lutadores na arena, acompanhada de sua equipe, é quase apoteótica. Sob o som dos tambores senegaleses, chamados de tam-tam, os atletas, cada um em seu

turno, dançam o bakk (uma dança tribal típica), com o objetivo de intimidar o adversário e seduzir o público. Depois, hora da luta preliminar: um combate entre os marabus, os líderes religiosos muçulmanos, de cada lutador. Além de uma equipe técnica, com preparadores físicos e treinadores, cada lutador tem uma equipe de marabus, responsáveis pela preparação espiritual para o combate (*leia ao lado*).

No dia seguinte, não era preciso falar wolof para entender o assunto dominante por toda a cidade. A televisão reprisa a luta na íntegra todos os dias da semana e só para de exibi-la no domingo seguinte, quando começam a repetir a nova luta, numa toada sem fim. Revistas e jornais estampam fotos e matérias de primeira página sobre a batalha do domingo. Motoristas de táxi, vendedores ambulantes, o moço do café, crianças e até as mulheres agarravam o ar com os braços e jogavam no chão seu adversário imaginário, imitando a maneira como Modou Lô derrubara Eumeu Séne. Como eu fazia, comemorando a virada do Vasco, com um jogador a menos, sobre o Palmeiras no segundo tempo da final da Copa Mercosul de 2000. Bons tempos aqueles. Cada luta aqui lembra uma final dessas.

Desde a década de 1960, época em que a Copa da África passou a ser disputada de maneira regular, até a Copa do Mundo de 2002, quando o Senegal, em um jogo histórico, ganhou da França na abertura do Mundial e chegou de maneira inacreditável às quartas de final, o futebol era o esporte número 1 do país. “Mas, entre 2004 e 2010, o futebol perdeu espaço no gosto popular, depois de seguidas derrotas da seleção senegalesa na Copa da África”, conta Mamadou Diop. “Enquanto isso, o lamb não parava de crescer, principalmente depois que passou a ser transmitido ao vivo pela TV na década de 1990. Hoje o lamb é uma febre nacional. E um esporte genuinamente senegalês.”

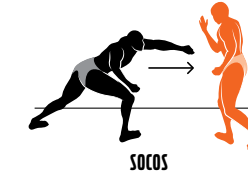
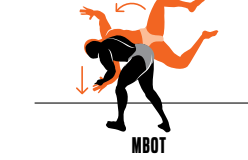
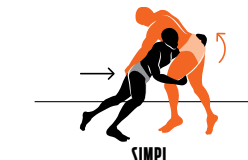
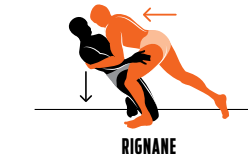
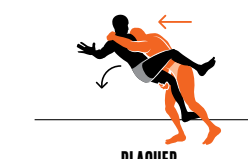
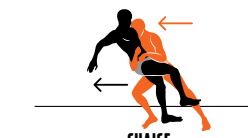
O objetivo do lamb – que significa “luta” em wolof e tem um similar no Brasil, a luta marajoara [veja na pág. 138] – é simples: os atletas têm dois tempos de 15 minutos e uma prorrogação de dez minutos para derrubar o adversário. A luta termina quando a cabeça, as nádegas, as costas, o ombro ou a barriga de um dos dois toca a areia. O negócio pode ser feito aplicando golpes de queda ou dando porrada na cara, numa mistura de wrestling, judô e boxe. Diferentemente do MMA, os lutadores não usam luvas pra amenizar os golpes, é mão na cara mesmo. Se depois desses 40 minutos nenhum dos dois cair, vence o lutador que tiver menos advertências contabilizadas pelos três juizes. Não existe vitória por pontos. Se tiverem o mesmo número de advertências, é declarado empate e uma nova luta é marcada.

Apesar de ter um regulamento complexo, o lamb não tem divisão por categorias de peso. Assim, um “fracote” de 90 quilos pode ter que enfrentar Yékini, um gigante de 145. O campeão absoluto ganha o título de Rei da Arena. Yékini o ostentou por mais de uma década, com 19 vitórias e um empate. Mas perdeu a invencibilidade no ano passado, ao ser derrotado por Balla Gaye, atual detentor do título. ➤



© Ilustrações: Rodrigo Damati

OS PRINCIPAIS GOLPES



Nas ruas das cidades do país inteiro, crianças lutam lamb, sonhando em ser celebridade



O Senegal é formado por várias etnias. O wolof é a principal, compreendendo quase metade dos habitantes do país. Mas o lamb tem suas raízes na prática dos guerreiros sérères, povo que representa 15% da população. Antes, a luta era simples, apenas com quedas, e era praticada pelos jovens dos vilarejos para comemorar o sucesso das colheitas. “Era um jogo. Cada povoado tinha seu campeão e eles lutavam entre si para saber qual tinha o melhor lutador, em torneios conhecidos como Mbaapat”, explica Biraimé Ndiaye, comentarista de televisão e técnico da escola de lamb Sakkou Xam-Xam, por onde já passaram feras como Balla Gaye e Modou Lô.

Mamadou, o cineasta Daniel Leite, que pré-produz um filme sobre o lamb, e eu fomos acompanhar um dia na escola de Ndiaye. Lá, algumas dezenas de lutadores sonham ser celebridade nacional. Com cara de poucos amigos, após dar esporro nos alunos, Ndiaye diz que, quando o lamb chegou em Dacar, era passatempo de jovens dos bairros populares e não havia escolas de luta. “Elas surgiram quando o lamb passou a movimentar muito dinheiro, nos anos 1990.”

O grande responsável pela popularização do lamb foi Mohamed Ndao, conhecido por Tyson. “Depois dele, as empresas começaram a se interessar em patrocinar o lamb. Hoje os lutadores ganham cerca de 50 milhões de francos CFA por combate [R\$ 230 mil], mas há casos de gente que ganha até 100 milhões de francos CFA”, diz Mamadou. Atualmente, há escolas em vários bairros de Dacar e cada grande lutador representa um deles. Modou Lô é o atleta principal da Rock Energy, do bairro Parcelles Assainies; Gris Bordeaux é da escola Fass, localizada em Médina; e Balla Gaye, da escola que leva seu nome e fica em Guédiawaye. O lamb cresceu tanto que foi exportado: hoje é praticado em sua versão mais simples (sem socos) em países africanos como Gâmbia, Nigéria e Guiné-Conacri.

No caminho de volta ao aeroporto, passamos por várias rodas de crianças com dois moleques no meio lutando lamb (sem socos, até onde vi). Pregada em cima do espelho retrovisor do táxi, estava a foto de Yékini. “Ele era o melhor”, disse o motorista. /

UM ESPORTE TRIBAL

ALGUNS DOS MELHORES ESPECIALISTAS EM MMA DO BRASIL ANALISARAM O LAMB PARA A VIP



LUCIANO ANDRADE
COMENTARISTA DO CANAL COMBATE

“Com relação à ‘trocação’, com as mãos, dos lutadores de lamb, as técnicas são rudimentares. Mas, com relação à luta agarrada, os atletas têm bom nível técnico e, sem dúvida, muitas coisas poderiam ser aplicadas com eficiência no MMA. Ressalte-se que, apesar de eficiente, o lamb é inferior à luta olímpica. Um campeão de wrestling, caso tivesse tempo razoável para se adaptar ao lamb, provavelmente derrotaria os tops senegaleses. Os lutadores são fortes, explosivos e bem condicionados, atletas na melhor acepção do termo. Além disso, o lamb envolve toda uma preparação de cunho ritualístico, dando a impressão de que é muito mais do que ‘apenas’ uma luta – trata-se também de uma ‘celebração’ de cunho místico, cultural e midiático. E o Brasil tem a sua própria espécie de lamb: a luta marajoara.”



JOSUEL DISTAK
LÍDER DA X-GYM, ONDE TREINAM ATLETAS COMO ANDERSON SILVA, RONALDO JACARÉ, ERICK SILVA E PAULO THIAGO

“O lamb parece a luta marajoara, um wrestling brasileiro praticado em Marajó, cujo nome é lamba. Trata-se de um combate corpo a corpo com direito de usar os punhos e que ocorre na areia. O objetivo é jogar o oponente de costas no chão.”



DANIEL PIRATA
TRENINADOR DE WRESTLING DA NOVA UNIÃO, EQUIPE DOS CAMPEÕES MUNDIAIS DO UFC JOSÉ ALDO E RENAN BARÃO E DE JUNIOR CIGANO

“O lamb é um primo-irmão da luta olímpica. É um esporte de domínio, com a área semelhante e golpes de projeções. Lembra também a nossa luta de praia, chamada beach wrestling, na qual lutei e fui campeão muitas vezes. Certamente o lamb (ou algo muito parecido) já era praticado em vários lugares do mundo com nomes e regras diferentes.”



EVERALDO PENCO
TÉCNICO DE MMA DA TEAM NOGUEIRA, ONDE TREINAM RODRIGO MINOTAURO, ROGÉRIO MINOTOURO, ANDERSON SILVA E JUNIOR CIGANO, ENTRE OUTROS

“Em relação às lutas de grappling [agarradas], a única semelhança do lamb seria com o wrestling e judô. Essas amarras que os lutadores usam no corpo servem também para eles fazerem as pegadas, substituindo o quimono. Não tem nem como comparar com MMA, que é um esporte que abrange todas as artes marciais e que tem como preocupação preservar o atleta. No lamb não tem uso de luva e, pelo que parece, não tem médico. É um esporte de um país com cultura totalmente diferente da nossa.”